

OS ÍNDICES NA PEÇA DE TEATRO: “DEUS LHE PAGUE”

Isabel Dantas

1. INTRODUÇÃO

Georges Mounin, num artigo “La communication théâtrale” coloca o problema: “O espetáculo teatral é comunicação ou não?” Diz que a resposta não é tão simples. Cita, em seguida, a opinião de Eric Buyssens, (1) de que os atores no teatro simulam personagens reais que se comunicam entre si; não, porém, se comunicam com o público, (pelo menos, pelo mesmo sistema).

Explica Mounin (2), que a mensagem é transmitida pela reconstituição estilizada e ampliada da experiência não lingüística que o autor quis comunicar. As palavras, as deixas, os tempos, os lugares, os participantes, tudo é restituído de um modo específico, como índices para uma interpretação que cada espectador deveria refazer por sua própria conta, como o autor o fez inicialmente para si. E acrescenta que a interpretação dos índices não tem, nem de longe, o mesmo funcionamento que a decodificação dos signos.

O espetáculo teatral é constituído geralmente de uma espécie particular de sucessão de acontecimentos, intencionalmente produzidos para serem interpretados.

Anatol Rosenfeld (3), em suas *Reflexões Estéticas sobre “O Fenômeno Teatral”* diz que no teatro as personagens e o mundo em que se situam são irreais, imaginárias, são seres puramente intencionais

(1). — BUYSENS, Eric — *Semiologia e Comunicação Lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1972, pp. 9-34.

(2). — MOUNIN, Georges — *Introduction à la Semiologie*, pp. 87-94. Paris, Les Éditions de Minuit, 1970.

(3). — ROSENFELD, Anatol — “Reflexões Estéticas” in *Texto/Contexto* São Paulo, Editora Perspectiva, 1973.

como ocorre em qualquer outra arte” (p. 29) “As personagens do espetáculo, apesar da sua concretização sensível maior do que a do texto, conservam plenamente o caráter de personagens fictícias, em comparação às reais” (p. 30) “...a metamorfose do ator em personagem nunca passa de “representação” “O desempenho é real, a ação desempenhada é irreal.” (p. 30). (A personagem). “não é “percebida” (já que é mera ficção); é apreendida por atos espontâneos da imaginação dos espectadores que pasam a atribuir a eles os gestos e as palavras reais” (p. 31).

A linguagem natural possibilita a identificação de um estado psicológico, segundo as manifestações desse estado: é um índice. Os fatos nos falam: não têm intenção de colaboração.

As palavras, os tempos, os lugares, os participantes são índices para interpretar psicológica e psicanaliticamente comportamentos físicos das personagens, no teatro.

Procópio Ferreira, que interpretou o papel de Mendigo numa apresentação da peça no Teatro Casino do Rio de Janeiro, diz no prefácio da Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (4), que considera a vida “miniatura do teatro”; ele a aumenta, a embeleza e a sublima. “A vida cria o conflito; o teatro o resolve; e, nessa solução, a vida tem aumentado seu patrimônio moral”

A vida está cheia de personagens universalmente famosas, mas só depois que a arte as mostrou, é que o mundo começou a reparar nelas. “A vida na sua simplicidade é banalíssima; sem o magnetismo da arte, toda a natureza é muda”

“Toda palpitação de vida é registrada pela arte com a violência de um choque. Por isso, a arte parece antecipar-se à vida quando objetiva emoções e idéias ainda sufocadas no íntimo das consciências”

“E o seu poder de sugestão é tanto maior quanto maior for a soma de humanidade que trazer” (p. 2)

A crítica da época consagrou a peça como a maior obra de teatro produzida no Brasil, em todos os tempos, concedendo ao seu autor o título de iniciador do teatro social no país.

E a audácia na interpretação de certos fenômenos sociais e outras circunstâncias levaram Monteiro Lobato a dizer que Joraci Camargo “é o maior filósofo do nosso teatro. (p. 3)

(4). — CAMARGO, Joraci — *Deus lhe pague* — 21ª ed. s/d.

Conta Joraci Camargo na mesma obra, (p. 19) como nasceu a peça.

Estando em São Paulo, em 1932, notou filas imensas de mendigos de ambos os sexos e dos mais variados tipos e idades, profissionais e amadores, falsos e legítimos, desde as escadas do Teatro Municipal até a Praça da Sé, passando pelo Viaduto do Chá e espalhando-se pela Praça Patriarca.

Abordou um velho de longas barbas, conhecido da mendicância carioca, que costuma filosofar com os companheiros.

Após numerosas informações, deu-lhe o palrador, num recorte de jornal, o decreto baixado pelo Interventor de São Paulo, General Manuel Rabelo, autorizando francamente o exercício legal da mendicância.

Falou-lhe, então, da ingenuidade do pedinte paulista ou do interior do Estado, que não sabia pedir porque não apelava para coisas que comoviam, como, por exemplo, a fome.

Contou-lhe depois, os segredos da “profissão”, chegando a confessar-lhe que já não precisava apelar para a caridade pública. Nada o impedia de gozar a vida como qualquer capitalista. Muito baixo, referiu-se a “mulheres”, sorrindo maliciosamente. Nesse momento, a peça surgiu.

O autor apresenta canários e personagens que, no plano estético da expressão, são caracterizados por índices (<). No plano, porém, da comunicação velada, passam a ser índices manipulados (>) cujo, processo muitas vezes, é exposto pela própria personagem.

O enredo todo constitui uma série de *manipulação de índices*, por se tratar de uma personagem principal com duas vidas: 1) um falso mendigo, filólogo, outrora simples operário que, espoliado do seu invento pelo patrão e encerrado na cadeia, se viu mais tarde na necessidade de pedir esmola; e 2) um velho milionário, culto, que vive confortavelmente com uma linda mulher de 28 anos, a quem se impôs pela sua inteligência e sabedoria. Assim ao saber da sua verdadeira identidade, na iminência de se separarem, Nanci prefere continuar com ele, apesar da “profissão” de Mendigo e da idade já avançada.

Cria o autor diversas personagens com características externas de fisionomias, gestos, movimento, roupas, atitudes, e índices na fala, nas idéias e no comportamento. (5)

*

2. ÍNDICES

Índices Manipulados

ATO I

a) Cenário

Joraci Camargo começa por *situar* a cena ao *anoitecer*, “antes de ser iluminada a cidade”, “à porta principal e monumental de uma velha *igreja*”, ponto estratégico dos mendigos, porque é a hora em que pessoas piedosas ou necessitadas vão ali orar e certamente abrirão a bolsa para dar esmola. O templo se denuncia pela “*luz morta*” do seu “interior” Em seguida, mostramos algumas personagens que caracteriza através de manifestações sociais e psicológicas, externadas por roupas, fisionomia, gestos e movimentos.

Entram na igreja: uma senhora *de luto tranquilamente*, um senhor *sereno*, uma jovem *agitadíssima, olhando para os lados*, um mendigo de cinquenta anos, “*barbas e cabelos compridos, olhar sereno, expressões messiânicas*, em suma, uma *cabeça* que despertaria a atenção dos pintores renacentistas”, “*chapéu de feltro, velho e esburacado, sem fita, em forma de saco*”; “*paletó de casemira, preto, esfarrapado, bem amplo, com os enormes bolsos cheios, volumosos; calças também escuras remendadas*” à la diable, “*botinas velhas deixando ver alguns dedos sem meias*” Traz *um pau tosco, que lhe serve de bengala e um maço de jornais amarrotados*. (Estes últimos índices são manipulados porque se trata de um falso mendigo)

E’ o próprio autor que nos informa a respeito da manipulação, quando diz que o mendigo “vem andando com o desembaraço que lhe permite a saúde de uma velhice bem nutrida”

Ao avistar um rapaz que entra em sentido contrário, *simula instantaneamente e com muita prática um grande abatimento, uma expressão de angustioso sofrimento*; e, *apoiando-se na “bengala”, procura sentar-se a custo sobre os jornais* que atira no primeiro degrau da escada, ao mesmo tempo que *retira o chapéu e estende-o ao rapaz*.

(5). — CRUZ Osmar Rodrigues — *O Teatro e a sua Técnica*. São Paulo, Edição da Livraria Teixeira, 1960.

Acrescenta Joraci Camargo com ironia: “que o mendigo apanha a moeda com o chapéu tão habilmente como um pelotário apanharia uma bola na cesta” E, depois de dizer! “*Deus lhe pague*”, “olha para dentro da igreja e para os lados, para então *ajeitar* melhor os jornais, a “*bengala*” e o *chapéu*, *tomando posição* cômoda e definitiva para o “*trabalho*”

Agora nos põe diante dos olhos outro mendigo, utilizando os índices anteriores, não, porém manipulados pela personagem, que é, na peça, realmente um mendigo! “mesma idade, mesmos *farrapos*, mas de aparência pior, porque revela um *grande abatimento físico*. É mesmo *esquálido e faminto*. “(Tira do bolso *umalatinha cheia de pontas de cigarros*, abre-a e oferece)”

“O senhor que entrara na igreja, sai, *visivelmente preocupado, agitado, indeciso*” “É o Vieira de Castro, presidente do “Consortium” das fábricas de tecidos, *milionário*”

Por meio do Mendigo, o autor interpreta a atitude desse homem, aflito, “*procurando igrejas a esta hora da noite*” “*Um momento de contrição religiosa de um milionário*” “significa” “Egoísmo”, “Luta entre eles”, “Miséria”!

*

b) Mendigo

Joraci Camargo constrói a personagem do *Falso Mendigo*, (o Velho), inspirado num pedinte carioca que encontrara em São Paulo e que, ao ser interpelado, logo lhe foi “dando serviço”

E’ um homem culto que, quando não está esmolando, no seu luxuoso gabinete de capitalista, vestido com “robe-de-chambre”, a fumar havanas caríssimos, lê, entre outros autores, Kalr Marx.

Pensava em reformar o mundo, mas compreendeu que a humanidade não precisava do seu sacrifício. Abandonou a sociedade e passou a viver, à margem da vida, apenas como espectador Tem a sua filosofia e idéias socialistas.

As desigualdades, para ele, se corrigiriam com uma nova organização. Conversar, é o seu melhor prazer da vida.

E’ muito controlado: não se espanta, não se assusta e nunca perde a linha. Mas é também irônico. Destesta a mentira.

Esses traços, a psicologia dessa personagem que como mendigo não deixa de ser filósofo, seu modo de vida, tudo é revelado pela sua linguagem ou interpretado através de suas palavras. Quase sempre, porém, suas atitudes são narradas pelo autor. E’ o que se encontra, inclusive suas idéias, nas páginas seguintes.

*

c) 1º quadro

(Falso) *Mendigo (o Velho): sua vida e suas idéias*

Não uma cigarros ordinários, po ém, *charutos*. Seus *havanas* custam 10\$000 cada um. Podia ter sido ladrão, mas sempre preferiu *trabalhar*. Como não lhe foi possível, resolveu pedir esmola.

Antigamente tudo era de todos, entretanto os espertalhões, no princípio do mundo, aprop iaram-se das coisas e inventaram a justiça e a polícia para prender e processar os que vieram depois; resolveram que as coisas pertencessem a eles, sem nenhum direito. Hoje os chamados donos não são fortes e continuam na posse do que não lhes pertence, garantidos pela polícia, pelas classes armadas. O número de infelizes avoluma-se assustadoramente.

Abandonou a sociedade e resolveu pedir-lhe o que lhe pertence; é um direito universalmente reconhecido.

O mendigo é um homem que desistiu de lutar contra os outros; é uma necessidade social.

Não há generosidade na esmola: há interesse. É com a miséria de um níquel que adiam a revolta dos miseráveis. Quem dá esmola pensa que está comprando a felicidade. Mas ele é caríssima. Barata é a ilusão. Os homens são ingênuos. O sacrifício é que redime; a esmola, entretanto, não é sacrifício, é sobra, é resto. Vingou-se da sociedade, que o obrigou a pedir, enriquecendo-se. A sociedade é defeituosa; o mendigo, logicamente, deveria ser pobre. Todavia, realmente pobres são os ricos, porque pobres de espírito, de tranqüilidade, de fraternidade e até de dinheiro, por vezes.

O lucro maior não é a maior quantidade de dinheiro que sobra. No comércio ou na indústria, quem ganha mais precisa gastar mais.

Cobra o que a sociedade lhe deve: tanto quanto deveria caber-lhe, se houvesse uma divisão "*camarada*"

Às vezes, está tranqüilamente em sua casa, na *biblioteca*, trajando um dos lindos "*robes-de-chambre*", quando recebe telefonema urgente do seu secretário para que vá esmolar, pois tem um serviço organizado.

Costuma ler *Upton Sinclair*, *Kalr Marx*. Foi um pobre operário com a cabeça cheia de sonhos e os braços em constante movimento. Ao chegar às portas da fortuna, elas lhe foram fechadas, não pôde entrar.

*

d) 3º quadro

Foi preso e condenado a seis anos de prisão celular como assaltante, por tentar recuperar os desenhos e instruções sobre seu invento que o patrão roubara.

Depois de um ano, compreendeu que a vida é uma sucessão de acontecimentos inevitáveis, como a chuva, o vento, a tempestade, o dia e a noite. As desgraças são também inevitáveis. É a vida.

Viver é raciocinar. O raciocínio é o supremo bem da vida. Quem raciocina não sofre. A sociedade vai sofrer, porque não raciocina. Admite os vícios e as virtudes, que não fazem parte da vida. Amor, ódio, saudade, egoísmo, honra, caráter e a própria caridade, da qual vivemos, são fantasias que andam por aí, dificultando a vida que é tão simples. Viver é só respirar, comer, beber e dormir. É a própria natureza que nos dá tudo. Por isso abandona a vida complicada pelos outros. Vive à margem. É um espectador da luta, não conviva desse banquete.

*

e) *Conversa do mendigo com outro explicando a sua manipulação de índices.*

"Esta roupa, que recebi como esmola, visto-a há vinte e cinco anos. Substituí-la por uma nova, seria desmoralizar a minha profissão..."

"Obrigado a comer os restos de comida que os outros me davam..."

"... outras despesas, como cinemas, teatros, esportes e certos luxos que me pareceram inconvenientes para um mendigo"

... ..

(Quando pedir esmola) ... "fale em fome, sempre onde não haja pão ou comida", "para que eles lhe dêem dinheiro"

... ..

"Especializei-me em transeuntes e portas de igrejas em dia de missa de defunto rico. Leio os jornais. Pelos anúncios, calculo a fêria do dia"

"Hoje é o dia do encerramento do mês de Maria. "A igreja está repleta, oitocentas e cinqüenta pessoas"

"... recebo telefonema urgente. É o meu secretário, avisando sobre uma boa missa, um excelente casamento, uma festa popular, onde há maior número de generosos. "

"A solteirona é um grande amigo do mendigo. Quando a gente diz: Deus lhe pague", ela vê logo um lindo rapaz caindo do céu por descuido. Mas é preciso que, ao pedir, a gente tenha um certo sorriso de bondade e malícia nos lábios. É uma esperança de casamento..."

"Comerciante fálido dá pouco" "Namorado dá dois mil réis" "Noivo dá dez tostões" "Pecadores, em geral, dão níqueis. "

*

f) *Cenário do tablado*

Situação: Gabinete pobre, com móveis simples de sala de jantar. É noite, pois uma lâmpada comum pende de um fio. É hora de jantar, porque Maria prepara a mesa.

O autor apresenta as personagens também caracterizando-as por manifestações sociais e psicológicas, externadas por roupas, fisionomia, atitudes, gestos, movimentos e até pela linguagem.

Maria, a esposa, está feliz *cantarolando*. *Veste-se com simplicidade, usa coque e chinelos. Limpa as mãos no avental para cumprimentar o patrão do marido. Limpa, ainda, com o avental, uma cadeira para ele, o senhor, sentar-se. É simples e respeitosa pois não lhe pergunta quem é, “porque o senhor está tão bem vestido” e não sabe “se é falta de educação perguntar”*

Como é simples e, mais do que isso, simplório, diz-lhe que é hábito dos seus apertar “a mão das pessoas” e “o senhor não o fez”

Informa-o, de que Juca, o marido, lhe contara: “O senhor tem cara de chimpazé! — Pensava que o senhor fosse “milionário” e andasse com roupas de ouro. chapéu de ouro” (É também sonhadora)

— “O senhor acha que ele (o marido) pode ficar rico?”

— “Pois eu vou mostrar ao senhor!” sai e volta com um canudo de lata, onde estão os desenhos e explicações de um novo tear que o marido inventou, reduzindo o número de operários de 100 para 1. Entrega-o ao visitante, embora lhes fosse recomendado não mostrá-lo a ninguém.

Quando lhe diz que, se o marido brigar com ela, poderá ir morar num palácio, ter vestidos de seda, jóias e outras coisas mais, revela-se: “— Então, não faz mal que ele zangue comigo?”

Indiscreta, conta ao marido o ocorrido, inclusive as promessas de riqueza.

Referindo-se ao senhor, o identifica: “O diabo! Aquele homem era o diabo.

Enlouqueceu.

— “Aqui está o meu palácio! Como é bonito! Está vendo a escadaria de

.....
diabo”

mármore?”

.....
— “Não me rasgue o vestido de seda!”

— “Olha o diabo! Foi ele que me deu este palácio!”

(Maria sai, de busto erguido e ares importantes).

Entra, depois, com uma toalha de mesa amarrada à cintura, arrastando, como cauda, outros trapos, traz um chapéu de homem, com uma pena de espadador, à cabeça.

Esteve no hospício durante muitos anos, convencida de que era a mulher mais rica do mundo.

Entra um senhor *bem posto, com ares importantíssimos*. Na sua ambição de enriquecer, vai explorando a ingenuidade de Maria, dialogando com ela, fazendo-lhe perguntas, promessas, mentindo-lhe, enfim. Sorri sempre, sem se trair. É um dissimulado. Ensina-a a fingir.

— “É um homem feliz, o seu marido! Onde está ele”

.....

— “Só vendo. ” (o aparelho).

.....

— “Não, só vendo.. ” (o que escreveu)

.....

— “E como escreve bem!” (lendo o segredo das lançadeiras).

— “Mas você deve guardar isto direitinho e nunca mais mostrar a ninguém”

.....

— “E não diga ao seu marido que me mostrou esses papéis”

(*Risonho, mimando-lhe o queixo*)” Se um dia ele brigar com você, você irá morar num palácio. terá vestidos de seda. jóias, um lindo “coupé” para passear. ”

— “Você deve fingir que não sabe de nada, deve-lhe *dar muitos beijos* para que ele não desconfie!”

Entretanto, com Juca, seu marido, mostra-se prepotente, constrangendo o operário a submeter-lhe os atos:

— “Não se esqueça de que sou seu patrão!”

.....

— “Transferindo o invento para mim, convencido de que não o poderia explorar”

.....

— “ que em pouco tempo você seria milionário. à minha custa. ”

.....

— “Foi preso agora mesmo, porque pretendeu assaltar-me para roubar, quando estava no meu carro!”

— “E será processado como ladrão!”

Juca, o operário, procura apagar-se diante do patrão.

— “Um aparelhinho sugerido pela preguiça de um operário cansado...”

.....

— “Peço-lhe que me dispense (de sentar). Ficarei constrangido diante do patrão.

*

g) Quadro 3

(É uma linda mulher elegantíssima que se dirige para a igreja, procurando alguém)

O outro mendigo diz:

— “Deve ser muito rica. *Deu-me dois mil réis.*”

Esta personagem é caracterizada pela fisionomia, atitude, roupa, gesto e movimento, através de manifestações sociais.

ATO II

h) Manipulação de índices contada pelo mendigo ao outro mendigo.

— “*E nem deve contar!*” (a fêria).. “É por isso que alguns se tornam suspeitos”

— “Fui somando, à proporção que caía. ”

“Os transeutes não devem ver o produto de uma colheita”

— “no chapéu, devem estar sempre à vista alguns níqueis: é o “index”

— Deve deixar *duas ou três pratinhas*” Vendo só níqueis; o transeunte não dá pratas.

Referindo-se aos políticos, diz:

“Porque trocar a *falsa humildade do mendigo* por outra humildade que deve ser cada vez mais aperfeiçoada. se quiser “vencer”... na vida. ”

Continuando o seu diálogo com o outro mendigo, narra-lhe:

— “Um dia cheguei *ao quarto que tenho alugado para vestir este “uniforme”* e estava tão cansado que *adormeci sobre a esteira*” “É um *cortiço muito sórdido*”

O mendigo fala de um rapaz com as “qualidades indispensáveis a um mendigo e todas as condições físicas: “*Magro.. rosto encovado. olheiras... cabelos louros e finos*”

*

f) Cenário do quadro

É um gabinete luxuoso, com “*divã*”, “*mapples*”, “*fumoir*”, “*abat-jour*” *de pé*, etc.

Ali se encontraram duas personagens, que vão ser descritas, durante a noite, pois o rapaz consulta o relógio-pulseira que marca *quatro horas* e ele acrescenta ser madrugada. A mulher está de *quimono*.

Péricles da Silva é moço elegante, da alta sociedade, onde desfruta grande prestígio.

O autor apresenta-o por manifestações exteriores: atitudes, gesto, vestimenta, fisionomia:

“Tem maneiras muito finas e gestos de requintada elegância. Traz o chapéu na mão e o sobretudo no braço. Vem alegre”

Nanci, be' o exemplar de mulher, altiva, às vezes, mimosa, em outras ocasiões. Veste um lindo quimono. (já apareceu no quadro 3 do I ATO).

Antes de retirar-se, despedindo-se, o jovem *beija as mãos de Nanci*. Propôs levá-la, para viver com ele, falando de sua *posição social definida* e de seu brilhante futuro. Oferece-lhe uma situação na sociedade.

Mas é nervoso e covarde. Já estava no parque, para sair, quando o Velho entrou. *Volta*. Ao defrontar-se com ele, *fica imóvel, meio nevoso*. É também ciumento, o que dá a entender pelo seu *gesto*, diante das queixas de saudade de Nanci. Senta-se *bruscamente*.

Quando o Velho lhe retira o chapéu e o sobretudo das mãos, Péricles fica *aparvalhado e medroso*”

O próprio Velho lhe censura a presunção: “No íntimo, pensa que sabe tudo”

Receita remédio. *Discute sobre política*, mas sem muita consistência. É, todavia, Bacharel em Direito.

Como quer dinheiro para fugir com Nanci, *mente* ao Velho, *forjando* um “caso Escabroso. ”

Primeiro exige segredo. Declara ser irmão de Nanci. Diz precisar de 100 contos de réis por vinte e quatro horas. Trabalha no Banco de Crédito Agrário, como caixa. No dia seguinte, haverá balanço.

Aparecerá o desfalque de 98 contos. Pretende repor o dinheiro. *Será um pequeno engano a favor do Velho* (que é o mendigo). Então fugirá.

Enquanto aquele vai buscar-lhe o dinheiro, o jovem Péricles, embora nervoso, está alegre, pois *sorri, esfrega as mãos*.

Mente a Nanci dizendo que *quis confessar ao Velho que a amava*. Mas seria cruel e inútil...

É romântico:

“O amor é como o ar, a água e o céu! O amor é de todos!”

Nanci, a outra personagem, gosta de si mesma. O Velho a convenceu disso. Matou-lhe a ingenuidade. Mas é feliz. Ela o admira, considera-o muito inteligente. Também é filósofa. Ama a vida.

“Amar a vida é vivê-la bem”

É realista:

“Os homens sem idoneidade (financeira) não devem fazer declarações de amor”

É melhor ser velho rico do que, moço pobre”

“A vaidade sem dinheiro é cretinice. ”

“Mocidade sem dinheiro equivale a operário sem trabalho. . ”

“O amor pertence ao dinheiro e o dinheiro a meia dúzia. Para amar é preciso viver e para viver, é preciso pagar o tributo aos donos da vida!”

Ela vive com o Velho.

“o amor que vendi a esse velho” “para viver”
“ninguém é feliz, ladrão ou assassino, por vontade própria”

*

J) Mendigo

Diz:

“Um homem inteligente nunca se conformará com o ordenado, por maior que ele seja! O emprego, com ordenado fixo, é ideal do homem vencido pela vida. Os cargos públicos inutilizam os homens. E, se um dia são dispensados, desorientam-se; têm pavor da vida, sem a proteção do Estado”

“Vencer na vida é conquistar posições, sem lutar. . .”

(a vida) “Dá a grande esmola, que nem todos sabem recolher: experiência”.

“É muito melhor pensar no que a gente tem, do que ver o que vai perder um dia. ”

“Menandro, poeta grego do IV século antes de Cristo, também disse isso!”

Quando não está esmolando, está lendo.

“Ler também é esmolar. Os pobres de espírito pedem esmolas às inteligências opulentas!”

(conversar) “É o melhor prazer da vida!”

Espera sua mulher no tempo porque ela é ainda moça. Mas a sua juventude é provisória. Tem 28 anos. Tem procurado convencê-la de que deve envelhecer logo. Para isso, sugestiona-a e lhe vai modificando a mentalidade. Para que as mulheres sejam objetos raros, basta torná-las diferentes das outras. Convivendo com um espírito mais forte e deformado, seu espírito se deforma. Não a vigia, mas esgota a sua curiosidade. Se quiser afastá-la dos homens, ainda a aproximará mais.

*

1) Cenário do quadro

Joraci Camargo caracteriza agora, exteriormente, o mendigo como velho milionário.

“Vem *elegantemente vestido* e é leve como um jovem de 30 anos, não se espanta, não se assusta e nunca perde a linha”

Embora encontre pela madrugada um rapaz com Nanci, em sua casa, conserva com ambos e vai *sentar-se ao lado dela no divã, muito galante*.

Diz-lhe que quando não está em casa, está nas ruas, em contacto com os transeuntes. São os seus melhores amigos..

É amigo da multidão ... e a multidão é tudo!

No mundo, só existe, para ele, Nanci.

Com ironia, dirige-se a Péricles:

— “Rio-me de toda essa gente “chic” que passa por mim. Coitados, não sabem que já morreram... E morreram em pé”

... ..
— “O senhor é Péricles mesmo?”

... ..
— “Já o conhecia muito de nome!

... ..
— “Da Grécia!”

E continua o diálogo irônico até dizer:

— “Porque o grande ateniense era apenas Péricles! E o senhor é Péricles da Silva!”

Eu devia ter notado logo que o senhor é como esses Florianos Peixotos de Castro, Ruis Barbosas de Almeida e Joaquins Nabucos de Sousa, que andam por aí carregando nomes ilustres, inconscientemente. ”

Para humilhá-lo:

(*pondo a mão, subitamente, sobre o baço, isto é, no lado esquerdo da barriga, como se tivesse sido acometido de uma forte dor*).

— “Ai!Ai!”

Ao que Péricles conclui:

— “Deve ser no figado! É fácil de curar-se. É bom tomar.. ”

E lhe dá ao Velho:

— “São todos assim! Advirto-lhe, entretanto, de que o figado é aqui e eu coloquei a mão aqui, sobre o baço”

... ..
— “O senhor, certamente, é dos que acham que ignorar é a suprema felicidade. O senhor sabe ler”?

Continua filosofando:

“A velhice só enfraquece os animais irracionais. porque lhes falta inteligência para substituir a força bruta. ”

Discorre sobre a civilização grega. Entretanto no campo político, refere-se à *propriedade*. E quando Péricles lhe diz que pela maneira de falar, é comunista, responde-lhe que:

“Comunismo é palavra que quer entrar para o dicionário, com escalas pela polícia. ”

“ Comunismo é como aquele boneco da palha de que a gente tem medo, quando é criança” “ era incapaz de fazer mal.. ” Tem idéias socialistas.

m) 3º quadro

“A terra é uma grande penitenciária; só quando somos encerrados nos cubículos escuros dos cemitérios é que somos postos em liberdade.

Liberdade é felicidade e nada mais!. É mais feliz um homem condenado à morte do que um homem condenado a morrer de fome; pois este morre na miséria, inocentemente; aquele, cercado de conforto, depois de satisfeitas as suas vontades”

*

ATO III

n) Mendigo

“São as três vidas. E nenhuma delas escapou à tirania dos homens. Os animais foram atrelados às carroças que lhes transportam a fortuna; os vegetais e minerais foram trancafiados nos armazéns para forçar a alta dos preços. E até a água, coitadinha foi engarrafada!

O homem é que é inimigo do próprio homem. Inimigo de si mesmo.

Os capitalistas não inventam nada. Aproveitam-se das invenções dos outros. Homens inúteis que se utilizam de tudo!

Basta que se *corrijam* essas desigualdades por meio de *nova organização*.

Mas se todos dependemos uns dos outros, se os inteligentes dependem dos “burros”, é justo que aos “burros” seja dado o mesmo direito de viver.

O capitalista vive do povo consumidor

O operário fica privado do que produziu, mas em compensação o dono da fábrica não tem quem lhe compre a produção. A vida pára.

Ninguém pode lutar contra a força lenta e sutil dos fatos.

Todos se queixam de que a vida é falsa, todos lamentam os aborrecimentos causados pelo convencionalismo da vida, e anseiam o conforto que nos traz a verdade, mas ninguém tem coragem de violar o código do Bom Tom!. *É a única lei social que a burguesia respeita.* Obriga as pessoas a uma série de coisas horríveis, que são feitas com muito prazer...

Os pequenos burgueses, aqueles que ainda estão morrendo de fome, vivem, exteriormente, como os ricos: comem as mesmas comidas, vestem as mesmas roupas, andam nos mesmos automóveis dormem nas mesmas camas.. Procuram imitar para causar pena a quem lhes observe o ridículo.

Os pobres de luxo, *aqueles que empenham os móveis para ir ao Municipal.* quem não passa fome e tem roupinha melhor para vestir, finge que é rico. A humanidade se compõe de miseráveis, falsos ricos ricos falsos. (Os falsos ricos) sofrem mais do que os miseráveis como nós. sof-em, mas fingem que não sofrem. Dai a impressão de que não há necessidade de melhorar a vida.

Mentem que são felizes e que não precisam de nada, precisando de tudo.

Os homens só têm medo daquilo que não vêem.

Todas as religiões são perfeitas. Os homens é que são imperfeitos.

Todos querem resultados imediatos.

Quem é que perdoa dívidas. .? As próprias religiões são intransigentes.

O infeliz não crê em nada do que já sabe, para crer em tudo o que os outros dizem que sabem...

Convenceu sua mulher de que a felicidade dela está no dinheiro, porque porque dinheiro é que não lhe falta. Os homens devem conduzir os desejos da mulher para que tudo o que eles possam dar. Ela só deseja o que o homem lhe sugere”

*

o) 2º quadro

“A felicidade é muito inteligente e sabe que o dinheiro da ilusão ou é falso ou é roubado”

Na sua vida só há lugar para uma *mentira*, a grande mentira que é a verdade da vida.

Acredita na força; no destino, não. A força é da inteligência. Viver é desejar. *Gostar da vida* é ter os desejos satisfeitos.

Achou absurdo pretender que Nanci gostasse dele, então conseguiu que ela gostasse da vida, dessa vida que só ele lhe poderia dar.

A amizade é inimiga dos instintos, por isso o que prende a mulher a ele é a certeza, a dúvida.

As grandes verdades são tão absurdas que é muito difícil acreditar-se nelas.

*

p) Outras Personagens

O autor, através de diálogo, dá a entender que o *outro mendigo* sabe alguma coisa, não é ignorante.

“Li muitos livros de história, mas em nenhum encontrei a história da vida...”

“São três (os reinos da natureza): animal, vegetal e mineral”

“Conheci uma família que *não tinha o que comer, mas da minha casa, ao lado, ouvia-se todas as manhãs barulho de garfo em prato de louça, como se estivessem batendo ovos para fazer fritada.* ”

*

q) 2ºquadro

Dá, também a conhecer Nanci, (de quem já falou), através do que ela diz:

— “*Quero viver muito!*”

— “*Cem contos! Meus! Só meus! Como é boa a sensação da posse sem o horror do sacrifício!*”

— “*Tenho a impressão de que sou uma lata de lixo, onde se atiram papéis sujos*”

— “*Estou sendo vítima da mentalidade que esse velho me impôs!*”

— “*Não sei refletir com a figura desse velho a orientar-me o pensamento*”

— “*Só há uma coisa eterna: é a inteligência!*” acrescentará depois. Mostra-se, ainda, Péricles mentiroso, indeciso.

— “*Venho agradecer o favor de ontem*”

(Olha para o dinheiro e para a porta. Afinal, apanha os pacotes e vai sair, quando Nanci aparece. Volta-se e deixa cair das mãos os dois pacotes)

— “*Acha que devemos aceitar a esmola que nos deu?*”

E a sua vaidade se deduz das palavras:

“*Prestígio social! Não te seduz o brilho dos salões? Não te empolga a galanteria dos homens finos?*”

De que serve a tua beleza, longe do convívio da sociedade? Que vale todo este conforto, sem a espiritualidade do “grand-monde”, que sabe fazer justiça à vaidade?”

*

r) O próprio Velho (mendigo) conta a Nanci e

a Péricles como manipula os seus índices.

— “*Eu sou um reles mendigo de porta de igreja*”

.. .. .
— “Falso mendigo”

.. .. .
— “Apenas troco de roupa e ponho as barbas”

Acrescenta:

“ .é com as roupas que se consegue iludir à primeira vista”

*

s) 3º quadro

Ao outro mendigo diz:

“ fui ao quarto mudar este “fardamento” e vim para aqui.

(Toma a atitude de pedinte. Descobre-se à passagem de um transeunte):

— “Uma esmola para um pobre velho que tem fome”

— “Uma esmola para um desgraçado que não come há três dias”

*

t) Mendigo

O Velho aconselha Nanci a seguir Périciles, que é moço e tem prestígio social, mas está certo de que ela o procurará, dada a mentalidade que adquiriu em seu contacto de filósofo milionário.

“Se não tivesse certeza disso, não a teria deixado a sós com o rapaz”

“De longe, seria muito maior a minha influência sobre ela”

“ .Todos os argumentos do rapaz serão inúteis diante da sugestão da minha ausência”

* * *

*

3. CONCLUSÃO

“A comunicação”, segundo Buysens, “nasce da nossa intenção de influenciar os semelhantes à fim de obter-lhes a colaboração na vida em sociedade” “qualquer manifestação que fugir dessa classificação não é comunicação e, sim, *índice*” (6).

(6) — *Op. Cit.*, p. 11.

Encarou-se, então, a peça como obra de arte, a que dá expressão Joraci Camargo, sem nenhum compromisso de ordem política ou de qualquer outro gênero; consideraram-se simplesmente *índices*, aqueles traços que caracterizam cenários (lugares e tempos) e personagens.

Mas, continua Buysens, afirmando que “os índices podem num ou noutro tipo de análise, servir de subsídio à análise semiológica”: estão sujeitos, no entanto, a interpretações que variam conforme a experiência e o repertório dos indivíduos que os observam” (7)

É o que vai acontecer com este tipo de enredo e de personagem, que envolve manipulação de índices.

Por outro lado, poderai considerar que existe uma comunicação velada por parte do autor na construção da história, das personagens e no desempenho dos autores. Haveria um “fingimento” com influência no auditório sem que ele percebesse a intenção. Seriam outros tantos índices manipulados.

Buysens, porém, acrescenta que “a manifestação artística não é obrigatoriamente um ato sêmico.

Uma obra de arte pode vir a constituir um ato sêmico, se o artista quiser influenciar premeditadamente o público; mas, em princípio, está isento do *onus comunicação*, para criar”

E Anatol Rosenfeld na obra citada, conclui que o teatro, “nascido da máscara e tendo nela o seu fundamento”, “nos fala incessantemente de máscaras, enquanto as põe e tira”

“O tema do teatro, é o próprio teatro — o mundo humano; o tema do ator, o próprio ator — o homem” (8)

Com essas considerações é que se pode compreender o sucesso de uma peça de teatro como “Deus lhe pague”

Até a 21ª edição, teve 9.524 representações, sendo 8.020 no Brasil e 1.504 no estrangeiro.

*

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, M. C. d' — *Pensamento, Código, Informação*. Porto Alegre, Editora da U.R.G.S., 1972.

BUYSSENS, Eric — *Semiologia e Comunicação Lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1972.

BARTHES, Roland — *Elementos de Semiologia*. São Paulo, Cultrix, 1972.

CAMARGO, Joraci — *Deus lhe pague*. s/1 Edição da Sociedade Brasileira de Auto-res Teatrais s/d.

CRUZ, Osmar Rodrigues — *O Teatro e a sua Técnica*. São Paulo, Edição da Livraria Teixeira, 1960.

(7). — *idem*.

- DUBOIS, J. e outros — *Dictionnaire de Linguistique*. Paris, Larouse, 1973.
- GUIRAUD, Pierre — *A Semiologia*. Lisboa, Editorial Presença, 1973.
- MOUNIN, Georges — *Introduction à la sémiologie*. Paris. Les Éditions de Minuit, 1970.
- PIGNATARI, Décio — *Informação. Linguagem. Comunicação*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1969.
- PRIETO, Luís J. — *Mensagens e Sinais*. São Paulo, Cultrix, 1973.
- ROSENFELD, Anatol — *Texto/Contexto*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1973.